

## **A práxis em movimento: do espírito absoluto à realidade concreta**

### **Praxis in movement: from absolute spirit to concrete reality**

Francieli Nunes da Rosa<sup>1</sup>

Resumo: O texto busca reconstruir filosoficamente o conceito de alienação e suas consequências no campo educacional, tendo em vista que a ideia de alienação consiste em um mundo de fetiche, do manipulado, da falsa realidade e da aparência, em contraposição ao mundo da essência. Nesta relação, o processo de ensino-aprendizagem sempre esteve vigente. Dessa forma, tentaremos a partir do filme “A classe operária vai ao paraíso” e dos escritos marxianos entender o processo de alienação na sociedade e na educação e tentaremos romper com tal ideia a partir do conceito de *práxis pedagógica*, que iremos evidenciar como a superação da alienação.

Palavras-chave: Alienação; Educação; Práxis Pedagógica.

Abstract: The aim of this paper is to philosophically reconstruct the concept of alienation

and its consequences in the educational field, having in mind that the idea of alienation consists on a world of fetish, of the manipulate, of False reality and appearances, opposite to the world of essence. In this relationship, the process of teaching-learning has always been present. This way, from the analysis of the motion picture "Lulu the tool" and the Marxist writings try to understand the process of alienation in the society and in the education, we will also try to disrupt such idea from the concept of pedagogical praxis, which will be evidenced as alienation's overcoming.

Keywords: Alienation; Education; Pedagogical Praxis.

### **Considerações Iniciais**

O termo alienação entrou no vocabulário contemporâneo graças a Karl Marx que, assim como o conceito de dialética, retirou-os de suas leituras de Hegel, porém, revestindo de um caráter mais inovador e crítico. Tanto em Marx quanto em Hegel, alienação está ligada ao trabalho. Para Hegel, o

---

<sup>1</sup> Mestranda CAPES do Programa de Pós-Graduação em Educação *Stricto-Sensu* da Universidade de Passo Fundo UPF/RS Brasil. E-mail: fran-sk8@hotmail.com

trabalho é a essência do homem, quer dizer, é somente por meio de seu trabalho que o homem pode realizar plenamente suas habilidades em produções materiais. Mas quando o pensamento puro se torna pensamento sensível, visando uma realização material na forma do trabalho, nos alienamos, isto é, nos separamos da essência pura e abrimos caminho para uma separação entre ideal e real, que irão se unir ao que Hegel chama de Espírito Absoluto.

Marx viu nestas ideias algo interessante que poderia explicar as relações sociais no capitalismo e, mais do que isso, desvendar um dispositivo fundamental da máquina capitalista. Para isso, voltou-se para a realidade concreta, em que os trabalhadores eram explorados em fábricas e deixavam seus patrões cada vez mais ricos, enquanto eles e suas famílias ficavam cada vez mais pobres. A alienação para Marx tem caráter negativo à medida que o trabalho, ao invés de realizar o homem, o escraviza; ao invés de humanizá-lo, o desumaniza. Neste caso, o homem troca o verbo “ser” pelo “ter”, sua vida passa a medir-se pelo que possui não pelo que é. A partir disso, Marx conceituou diferentes formas de alienação, como a religião ou o Estado, em que o homem, longe de tornar-se livre, cada vez mais se aprisionaria.

Mas uma das alienações que perpassa toda filosofia de Marx é a alienação econômica e é a partir dela que esboçaremos algumas perguntas que nortearão o texto: como tornar o homem menos alienado na sociedade capitalista em que vivemos? Qual o caminho para a construção de um espírito crítico? Como superar a alienação? Uma das formas que evidenciaremos no texto para evitar a alienação, é a partir do entendimento que devemos ter da transição do espírito absoluto para a realidade social concreta do ser humano. Mas, como se dá essa transição? Talvez, uma das formas seja na apropriação do conceito de “*práxis*”<sup>2</sup> não, entendido, simplesmente como uma prática qualquer, mas uma ação que necessariamente, precisa de uma reflexão.

---

<sup>2</sup> O conceito de *práxis* é assumido neste texto da seguinte forma: “queremos entender por *práxis* a concepção que integra em uma unidade dinâmica e dialética a prática social e sua pertinente análise e compreensão teórica, a relação entre a prática, ação e luta transformadora e a teoria que orienta e ajuda a conduzir à ação” (HURTADO, 1992, p.45).

Dessa forma, o texto busca reconstruir filosoficamente o conceito de alienação e suas consequências no campo educacional, tendo em vista que a ideia de alienação consiste em um mundo de fetiche, do manipulado, da falsa realidade e da aparência, em contraposição ao mundo da essência, nesta relação, o processo de ensino-aprendizagem sempre esteve vigente. Para tanto, estruturaremos o texto da seguinte forma: na primeira parte faremos uma abordagem histórico-filosófica do filme “A classe operária vai ao paraíso” e tentaremos discutir a partir disso, já na segunda parte do texto o movimento do espírito absoluto à realidade concreta no que tange a alienação do trabalho quando falta no ser humano à busca por uma educação libertadora que supere essa alienação. E, por fim, tentaremos propor como recurso conceitual apropriado para essa superação, a ideia de “*práxis* educativa” e qual a sua contribuição para pensar as políticas sociais e educacionais de nosso tempo.

### **A classe operária vai ao paraíso?**

Contando a história de um operário-padrão italiano, que perde um dedo em um acidente de trabalho e se vê envolvido em protestos do movimento estudantil, é que o filme “A classe operária vai ao paraíso” encenando Gian Maria Volontè como o desorientado “Lulu” fica dividido entre as tentações da sociedade do consumo e o movimento sindical, numa radiografia do impasse ideológico de muitos trabalhadores. Seu enredo criado pelo cineasta italiano Elio Petri que constrói o filme a partir de um estudo seminal sobre as relações de trabalho no capitalismo retrata de modo perturbador, porém atual, a vida social e individual do ser humano mergulhado na sociedade capitalista. O personagem principal do filme, o italiano Ludovico Massa, apelidado de Lulu, era um metalúrgico extraordinário que vivia a vida de modo perturbadora, colocando no trabalho toda a sua vitalidade, tornando-se assim, mão-de-obra barata (DELFINO, 2012).

Porém, vítima de um acidente de trabalho, no qual perde um dedo Lulu protagoniza um pequeno episódio de luta sindical. Sendo esse, uma preciosa fonte de ensinamentos sobre o papel da classe operária na história da luta de classes. De imediato, Lulu é o menos indicado para protagonizar qualquer

episódio de luta sindical, pois é o operário-padrão, o “stakanovista”, que se submete voluntariamente a um ritmo desumano de produção, na tentativa de ganhar um valor extra no salário referente a uma premiação por peça. Os movimentos sindicais aliado ao movimento estudantil local estão em luta contra esse sistema de produção por peça, que representa um retrocesso em relação à remuneração por tempo de trabalho, mas Lulu ignora a luta e presta-se a servir de parâmetro (pois é o mais rápido) para calibrar a produtividade dos colegas, à medida que os engenheiros de produção passam a exigir que os demais produzam tantas peças num determinado tempo quanto ele.

A partir disso, Lulu atrai a indignação de todos, não só dos colegas e dos militantes sindicais, mas também da mulher com quem vive e até de si mesmo. Pois até mesmo o ato de dormir não é tranquilo devido aos sonhos perturbadores pela “máquina”, Lulu também não tem vida sexual, seu trabalho muito exaustivo não permite que isso ocorra. Dessa forma, temos aqui um retrato surpreendente da condição do operário sob o sistema capitalista. Em um dos discursos proferidos aos trabalhadores, um estudante envolvido nos movimentos sociais relata:

O operário-padrão, sem consciência de classe, acredita que o trabalho duro pode lhe dar os meios para melhorar de vida. Por acreditar nisso, persegue caninamente as metas traçadas pelos patrões. Mas o dinheiro nunca é o bastante para satisfazer a todas as necessidades. O desgaste físico e mental impede que o trabalhador obtenha alguma fruição até mesmo dos objetos de consumo aos quais tem acesso (A classe operária vai ao paraíso, 1971).

Para o homem que está mergulhado na alienação do trabalho, ele não vê na educação um futuro, “apenas pequenos operários” num outro lugar, que por sua vez é um pouco mais democrático do que a fábrica. Para este trabalhador, nada serve uma casa mobiliada, nada serve a televisão, que apenas apascenta o cérebro, sem alimentá-lo com nada útil. Aliás, se tivesse algum interesse em cultura, Lulu não teria tempo nem forças para dedicar-se à atividade de apreciar qualquer forma de arte ou literatura. Lulu gira em círculos com sua raiva, frustração, desânimo, sem saber como encontrar a solução para a existência auto-destrutiva em que vive. A solução somente será descoberta

ao custo de muita luta e sofrimento. Trata-se de uma solução que vai além da problemática de um único indivíduo, mas envolve a totalidade dos seres humanos submetidos ao capitalismo (DELFINO, 2012). Didaticamente, somos apresentados ao longo do filme em quatro momentos de alienação vividos por Lulu, para tanto, nos utilizaremos como referencial teórico o livro *Manuscritos econômico-filosóficos* (2002).

O primeiro momento de alienação do homem descrito no filme está contido nos resultados do seu trabalho, dos objetos sob a forma de mercadoria, da materialidade circundante em geral. O operário Lulu Massa se encontra em sua casa cercado de objetos sem utilidade e sem valor, que depois de adquiridos não podem ser consumidos nem revendidos, que dirigem a sua vida e dos quais não pode sequer usufruir. O status de vida pequeno-burguesa ambicionado por sua esposa dificulta até a convivência no ambiente do lar, tornado infernal por brigas constantes. “Na civilização burguesa é mais importante conservar os objetos do que satisfazer os seres humanos” relata Lulu. Já a segunda forma de alienação é quando o homem se auto-aliena<sup>3</sup> no processo de trabalho. Neste caso, o processo de trabalho não é a realização, mas a negação do homem. Aqui ele se sente objeto e não sujeito. O operário-modelo Lulu escraviza-se ao ritmo repetitivo das máquinas, esforçando-se para cumprir cotas de produção e superar os demais operários. Ele adquire motivação inserindo conotação sexual aos seus gestos, já que não pode praticar o ato devido o trabalho exaustivo, ele trabalha repetindo para si mentalmente o refrão: “uma peça, uma bunda, uma peça, uma bunda, uma peça, uma bunda”, desviando para a atividade de trabalho o desejo sexual que tem, por uma colega de serviço.

Na terceira parte da alienação colocada a partir do filme, o homem se aliena em relação à finalidade do seu trabalho. O resultado do dia de trabalho

---

<sup>3</sup> “Toda a auto-alienação do homem de si e da natureza aparece na relação que ele confere a si e à natureza com outros homens diferentes dele. Dai que a auto-alienação religiosa apareça necessariamente na relação do leigo com o sacerdote ou também, já que aqui se trata do mundo intelectual como um mediador, etc. No mundo efetivo, prático a auto-alienação só pode aparecer através da relação efetivamente real, prática com outros homens”. (MARX, 2002, p. 160).

de um operário é uma porção de objetos que lhe são estranhos, indiferentes. O operário é considerado louco porque não consegue ver o sentido humano daquilo que faz o que torna o seu trabalho desumano. O velho Militina, ex-operário internado no manicômio, explica a Lulu que a sua loucura foi diagnosticada quando solicitou da direção da fábrica o destino daquilo que produziu. “Por que produziu parafusos durante a vida inteira? Para onde iam os parafusos? Qual seria o seu uso? Como continuar trabalhando sem saber o uso a ser dado ao produto do seu trabalho?” indagou o velho. Além de instigar essas interrogações, a visita de Lulu a Militina proporciona uma porção de frases de efeito, que são um dos momentos altos do filme onde Lulu passa de um mero operário-padrão para um separatista envolvido com as causas dos movimentos sociais, lutando por seus e pelos direitos dos outros.

E a última forma de alienação sob o capitalismo destacada a partir do filme, o operário deve se contentar em vender a sua força de trabalho ao capitalista e adquirir em troca a possibilidade do consumo, sem o direito de questionar para quê trabalha e por que deve consumir o que lhe é oferecido. Ele tem um papel na sociedade, o qual lhe cabe cumprir servilmente. Não lhe é dado o direito de opinar, decidir, escolher ou propor, visto que a administração da sociedade está totalmente fora de seu alcance, entregue a um mecanismo distante e impessoal. Lulu não sabe nem sequer quem é o proprietário da fábrica, a pessoa que dirige o empreendimento. Não há mais um capitalista empreendedor, há uma sociedade de pessoas que participam em maior ou menor grau da propriedade capitalista. Nessa medida, o capitalista<sup>4</sup> é tão alienado quanto o trabalhador, embora a alienação tenha diferentes efeitos sobre cada um. Nessa última dimensão do processo, o trabalhador acaba alienado de si mesmo como homem de si e dos outros. Para o capital, é indiferente a individualidade das pessoas de que se serve. Lulu encarna essa mentalidade quando não se interessa sequer pelo nome dos operários a quem dá treinamento. Só interessam ao capital como fonte de força de trabalho. O

---

<sup>4</sup> Para que o leitor entenda melhor os conceitos abordados no filme, no que tange a acumulação primitiva e a origem do capital industrial, sugiro a leitura do livro *O capital* (2008) de Karl Marx das páginas 209 a 221.

homem deixa de ser sujeito e de ter valor enquanto indivíduo, para ser mero repositório quantitativo de força de trabalho. O homem se torna estranho para outro homem e para si mesmo.

Essas quatro formas de alienação, naturalmente, se articulam e se sobrepõem simultaneamente. Para desvendar alguns desses traços de alienação peculiares à figura histórica do trabalhador assalariado, Lulu será vítima de um acidente de trabalho. No esforço de cumprir as cotas, sofre um acidente e perde um dedo, ficando incapacitado de trabalhar no mesmo ritmo. Sem a possibilidade de vender sua força de trabalho, o trabalhador perde aquilo que define o seu ser. Mas o aspecto humano do problema nunca é levado em consideração, de que o trabalhador interessa ao outro não como ser, mas como máquina. O capital, interessado em restituir o mesmo nível de produtividade ao operário mutilado, manda-o ao psicólogo, encarregado de convencê-lo a voltar para a “normalidade”. O incidente com Lulu é o ponto de partida para conflitos sindicais que culminam na demissão dele. Na condição de desempregado, Lulu encara a sua posição de indivíduo deformado pelo capital, vendedor de força de trabalho, consumidor de mercadorias, incapaz de corresponder à expectativa da família, dos companheiros de trabalho e do capital simultaneamente. Ele conscientiza-se da própria alienação, e paulatinamente se integra na atuação sindical, que culmina na sua readmissão ao emprego. Mas ele não é mais o mesmo operário modelo e não tem mais as mesmas ilusões de realização dentro do consumismo.

Ele aprende que é preciso derrubar um “muro”, metáfora das condições sociais capitalistas, que separam os indivíduos da sua humanidade. É preciso superar a alienação. Entretanto, isso é mais fácil de dizer do que fazer. Que o digam os ativistas que militam na porta da fábrica. Diariamente, um grupo de agitadores, de megafone em mãos, enfrenta a brutal indiferença dos operários que entram na fábrica sem dar a mínima para o seu discurso, jogando ao chão os panfletos e surrando-os, como uma manada de seres irracionais. O filme não deixa de ser também um relato de um momento da luta de classes na Itália da década de 1970, como relata o próprio diretor do filme, mas a construção

desse movimento não foi fácil, tranquila, linear ou uniforme, o filme toma partido a favor dos operários, mas não deixa de apontar as limitações e contradições do movimento. Os ativistas que militam na porta da fábrica estão divididos em dois grupos. De um lado, os sindicalistas ligados à tradição da esquerda reformista, que desejam lutas parciais sem confrontação aberta para obter pequenos avanços à custa de um mínimo de mobilização e muita negociação. De outro, os militantes estudantis ligados à tradição da esquerda revolucionária que querem transformar a sociedade como um todo e precisam convencer os operários de que esse é o seu papel. Sobre um dos lados, pesa a suspeita de oportunismo. Sobre o outro, a de apenas fazer discursos e não pertencer àquela realidade.

Na verdade, os operários ignoram os dois grupos o quanto podem. A alienação é um sofrimento, mas é um sofrimento com o qual podem conviver e preferem se conformar. Por meio do caso individual de Lulu temos um exemplo dos passos e percalços que atravessam o avanço da consciência de classe. Todo esse episódio faz com que um operário adquira o conhecimento da força de sua mobilização individual e coletiva. Mas ao final, tudo volta ao normal, com um pequeno avanço e tendo o sonho de derrubar o muro da alienação plantado em mais consciências. O filme parece terminar com uma nota otimista, pois demonstra que a consciência se produz na luta direta, fomentando a dialética entre os discursos da vanguarda organizada e os impulsos espontâneos dos trabalhadores. Aos trancos e barrancos, essa dialética avança. Não há soluções mágicas na construção de uma sociedade emancipada, há um lento tatear no escuro, em que se aprende fazendo e se faz aprendendo. A partir disso, ficam as perguntas: a classe operária vai ao paraíso? Qual paraíso?

### **O movimento do espírito absoluto à realidade concreta: conceituando alienação em Marx**

Quando utilizamos o termo “espírito absoluto” (materialismo contemplativo) nos reportamos logo a Hegel que foi um grande idealizador para



o pensamento racional-real deste conceito. A ideia chave desse termo se conclui em outro termo, “reconhecimento mútuo”. Ou seja, o absoluto que a consciência busca não é algo impossível à consciência, também não pode ser apreendido pela experiência sensível, mas pode ser alcançado na experiência da razão. O espírito absoluto seria o fim do processo especulativo que é a culminância do processo dialético de Hegel. O real tornando-se racional e a experiência sendo elevada ao nível da razão. Mas quando o pensamento real-racional se torna pensamento sensível, com fim a uma realização material, nos alienamos nos separamos da essência pura e abrimos caminho para uma separação entre ideal e real. Marx se utilizou desse argumento para fazer uma “crítica” a Hegel, entendendo que não poderíamos ficar somente na ideia de “espírito absoluto”, mas deveríamos ir além, “ao chão da fábrica” (materialismo prático). (MARX; ENGELS, 2007) <sup>5</sup>.

Dessa forma, Marx se apropria do conceito “alienação” de Hegel, transformando-o para a luta diária dos trabalhadores, explicando as relações sociais do capitalismo para desvendar o dispositivo fundamental da máquina capitalista. Assim, Marx buscou entender a exploração do trabalho voltando-se a realidade concreta dos trabalhadores, numa relação desigual em nível muito grande entre patrão e empregado. Em seu livro *Manuscritos econômico-filosóficos* (2002, p.111) Marx aponta a alienação como um fato social de sua época, pois:

o trabalhador torna-se tanto mais pobre quanto mais riqueza produz, quanto mais a sua produção aumenta em poder e extensão. O trabalhador torna-se uma mercadoria tanto mais barata, quanto maior número de bens produz. Com a valorização do mundo das coisas, aumenta em proporção direta a desvalorização do mundo dos homens. O trabalho não produz apenas mercadoria; produz-se também a si mesmo e ao trabalhador como uma mercadoria, e justamente na mesma proporção com que produz bens.

Assim, a alienação é entendida como a relação contraditória do trabalhador com o produto de seu trabalho e a relação do trabalhador ao ato de

---

<sup>5</sup> Para que os conceitos, materialismo contemplativo e materialismo prático tornem-se melhor entendido, sugiro a leitura do livro *Ideologia Alemã* (2007) dos autores Karl Marx e Friedrich Engels.

produção. É um processo de objetivação, que torna o homem estranho a si mesmo, aos outros homens e ao ambiente em que vive, “a apropriação surge como alienação, e a alienação como apropriação” (MARX, 2002, p.122). Se voltarmos ao filme para entender o processo de alienação que Lulu vivia, poderíamos dizer que ele não pertencia a sua natureza, nem a sua esposa, nem a ninguém, mas tão somente ao capitalista, visto que ele não mantinha relação de amizade no seu trabalho, a sua relação era estritamente “profissional”. O patrão pedia mais parafusos em menos tempo e Lulu obedecia sem ao menos questionar seu chefe, pelo contrário, se dedicava em aumentar a linha de produção inclusive de seus colegas. Neste caso, Lulu ao produzir uma mercadoria, ele mesmo se tornava uma mercadoria, reduzindo-o a uma “coisa”. A alienação do trabalho no entender de Marx é a maior de todas as outras alienações cabendo ao homem por meio da educação, passar do entendimento de alienação para o entendimento de práxis. Portanto,

a propriedade privada é fruto do trabalho alienado. O trabalhador põe a sua vida no objeto; porém agora ele já não lhe pertence, mas sim ao objeto. Quanto maior a sua atividade, mais o trabalhador se encontram objeto. Assim, quanto maior é o produto, mais ele fica diminuído. Quanto mais valor o trabalhador cria, mais sem valor e mais desprezível se torna. Quanto mais refinado é o produto mais desfigurado o trabalhador (MARX, 2002 p. 112).

Há uma visível contradição, pois o que deveria ser o seu bem (força de trabalho) passa ser o que o escraviza. Porém, Marx a partir do entendimento de que o próprio sistema cria essa forma de contradição, ele inverte a dialética hegeliana, indicando que o verdadeiro motor da história não deve ser as teorias ou simplesmente as ideias, mas a atividade humana objetiva, ou seja, o trabalho. Esta tese defendida por Marx no livro *Ideologia Alemã* escrito em 1845 rompe com o idealismo ou com a ideia de espírito absoluto e passa para uma realidade concreta<sup>6</sup>, colocando na educação a emancipação do ser.

---

<sup>6</sup> Nesta passagem em que Marx retira a ideia de espírito absoluto e passa a entender o ser humano e a sua força de trabalho no materialismo prático, podemos fazer uma analogia a partir do filme diagnosticado acima, em que o operário Lulu fazendo parte integralmente do sistema capitalista perde seu dedo e passa a render menos. Dessa forma, ele não é mais o operário-padrão (o melhor). A partir disso, seu salário não corresponde mais com suas despesas pessoais, entendendo isso, ele passa da visão “ideal” para a realidade

Dessa forma, passaremos para a última parte do texto em que tentaremos a partir Marx e Engels e Elli Benincá, discutir o conceito de práxis educativa e como ela pode ser um motor ativo na superação da alienação.

### **A práxis educativa como superação da alienação**

O termo alienação destacado acima, está expresso em Marx no que tange a divisão do trabalho que se desenvolve na medida em que é atribuída menor tarefa a cada indivíduo. É assim que a especialização do trabalho realizado pelo professor e aluno poderá ser compreendida por hora. Como vimos, a divisão do trabalho surge na sociedade como algo complexo que inclui divisões de classes, trocas e propriedade privada. A alienação aparece sempre que a divisão do trabalho é o princípio operacional da organização econômica. Em seu livro *Crítica da educação e do ensino* (1978) Marx e Engels argumentam que é da natureza do homem produzir objetos nos quais ele se reflete, porém esses objetos lhe são tomados pela lógica da produção vigente. O homem é incapaz de ser dono do produto de seu trabalho, e se torna estranho à sua própria criação, que o enfrenta como algo hostil e alheio (Lulu e os parafusos que produzia). Essa alienação do homem e seu produto também implicam a sua alienação em relação aos outros homens, como vimos que aconteceu com Lulu em umas das alienações vividas pelo personagem (DELFINO, 2012). A precondição da existência é o trabalho, mas no capitalismo o próprio trabalho transformou-se numa mercadoria. Mas como superar a alienação do trabalho a partir da educação?

Marx acreditava que a educação era parte da superestrutura de controle usada pela classe dominante, ele não via com bons olhos uma educação oferecida pelo Estado-Nação burguês capitalista. A educação deveria transformar o indivíduo. Mas transformar no quê? Marx descreve a educação num período de exploração e domínio por parte de alguns burgueses aos

---

social em que vive, lutando por seus direitos juntamente com seus colegas de fábrica e estudantes. É a transição do espírito absoluto para a realidade concreta expressa no filme.

trabalhadores, a transformação se daria por parte de uma boa condição crítica do proletariado. Atualmente, a educação é usada para a sobrevivência, mas também, ajuda proporcionar ao homem um melhor uso do tempo, dando maior refinamento à vida social e cultural. O homem depende da educação e ela está presente no seu cotidiano. Porém, existem diferentes concepções de educação e diferentes modelos. Sua prática vai além da escola e abrange desde sociedades primitivas até as chamadas sociedades complexas. Marx, no entanto, criticou muito a educação burguesa, pois a divisão do trabalho, no interior da produção capitalista, deu-se ao separar o trabalho manual do trabalho intelectual, implicando todas as suas contradições, como o acesso ao trabalho assalariado, tempo livre e a um tipo de educação. No entender de Marx (1978, p.19)

outra consequência do capitalismo é separar a arte da técnica, abstraindo-a cada vez mais da produção coletiva, para dela fazer uma questão individual. Carece então de todos os meios materiais: praticada em amadorismo, mergulha no esquecimento ou na insignificância; tornada venal sucumbe às negociatas burguesas.

Dessa forma, podemos pressupor que para chegarmos a um espírito crítico é necessário que não ficasse apenas no “espírito”, mas que a partir do estudo teórico alcancemos inteligência para descermos ao “chão da fábrica”, ou seja, transpor o conhecimento teórico no conhecimento prático. Isto é, teoria e prática trabalhando juntas no processo de ensino-aprendizagem. Talvez aqui esteja o cerne da superação da alienação pela práxis. E, nos apropriando daquele que pessoalmente, é um dos que melhor define *práxis pedagógica*, o professor Elli Benincá (2002b, p.166-167) destaca que:

O objeto de investigação, numa pedagogia da práxis, não é o outro enquanto outro, mas a “relação entre sujeitos”. A relação intersubjetiva possibilita ao educador, no ato de educar, educar-se; no ato de libertar, libertar-se; no ato de transformar, transformar-se; no ato de conscientizar, conscientizar-se; no ato de investigar, investigar-se, no ato de construir a cidadania, tornar-se cidadão; mas também, no ato de oprimir, oprimir-se.

Assim, o processo de conhecimento da pedagogia da práxis não é um método elaborado nas escolas, mas um processo que transcende a mera dimensão de produção de conhecimento e se transforma em capacitação e formação permanente do ser humano, derrubando dentro do trabalho, qualquer tipo de alienação. É no tornar-se teórico consciente da própria prática que o ser humano poderá superar a alienação que o oprime. No caso do proletariado, é na emancipação autônoma propiciada pela educação que o ser humano poderá sugerir, indagar e questionar as formas de trabalho, nunca esquecendo que para todo direito pedido, há sempre um dever a ser cumprido. É nesse movimento da práxis pedagógica entre teoria e prática (materialismo contemplativo e materialismo prático) que há o processo de conhecimento, e é no processo de conhecimento que poderemos lutar pelos direitos do povo, tirando a si mesmo da alienação. No filme essa ideia é expressa na medida em que Lulu toma partido dos acontecimentos e busca auxílio teórico (nos livros) e prático (conversa com o velho Militina) para saber como agir com os patrões que o “escravizavam”, o objetivo de Lulu nesse instante, era fazer com o que o povo se conscientizasse da alienação vivida por eles, assim como outrora também se conscientizara.

Por fim, a pedagogia da práxis possibilita ao ser humano se transformar, ou seja, nesse processo da práxis surge a condição do homem ser o investigador da própria prática, tendo a capacidade de sair do comodismo social (alienação) para o lugar de ser humano ativo social. Talvez a grande distância que permeia a educação e o ser humano, não conseguir superar a dicotomia entre espírito absoluto e realidade concreta ou teoria e prática ou materialismo contemplativo e materialismo prático ou trabalho e lazer é o não entendimento do que realmente é práxis pedagógica, já que a mesma requer necessariamente a relação horizontal entre ambos os conceitos citados. E, talvez essa seja a forma para superar a alienação vivida nas escolas, na sociedade e na vida do ser humano.

### **Considerações Finais**

Como vimos à questão educacional em Marx é vista a partir da ideia de produção material. Ao expor as consequências sociais, decorrentes do emprego da maquinaria no processo produtivo temos, então, a ideia de alienação pelo trabalho. Dessa forma, a fragilização física e intelectual do trabalhador frente ao capital diagnosticado no filme é um dos seus principais efeitos, sobretudo a partir do processo de divisão do trabalho imposto pela máquina. Sobre tudo isso, tentamos propor a ideia de práxis pedagógica na tentativa de superar a alienação social e educacional imposta por organismos de nossa sociedade.

Dessa forma, discorreremos sobre o filme “A classe operária vai ao paraíso” na tentativa de problematizarmos sobre o ser humano como objeto de consumo e força na sociedade para o deslocarmos como sujeito que também pensa e busca realização intelectual. A partir disso, evidenciamos duas perspectivas talvez, inconciliáveis que é a ideia de teoria e prática ou dita de outras formas no decorrer do texto para enfim, chegarmos ao conceito de práxis pedagógica. Esta se origina na historicidade do ser humano e, que por ser inconclusa, transforma-se em raiz do movimento e da dinamicidade do termo práxis pedagógica. O movimento no qual tentamos expressar que sai do espírito absoluto de Hegel até a realidade concreta de Marx, expressa a luta do homem na sua emancipação, ou seja, na superação da alienação provida em espaços autoritários. A práxis quando reduzida poderá ser observada apenas como uma tarefa qualquer isolada e não como um processo pedagógico que visa o conhecimento social. A possibilidade desencadeada no texto de fazermos a hermenêutica dela cria condições teórico-metodológicas para a construção de uma ciência pedagógica que auxilia desde cedo (crianças) na tarefa de construção e reconstrução do conhecimento.

Portanto, superar a alienação é uma tarefa social e que a escola é a grande agente fomentadora de sentido na construção de um ser humano crítico e criativo. Um ser humano que não viva a passividade dos tempos impostos pela máquina capitalista, mas um ser humano ativo que busque seu lugar no mercado de trabalho e tendo o equilíbrio inteligente de não dicotomizar o lazer do trabalho, a teoria da prática e o espírito absoluto da realidade concreta.

ROSA, F. N. *A práxis em movimento: do espírito absoluto à realidade concreta*

Talvez essa seja a maneira de retirarmos nossas mentes e corpos da alienação imposta pelos ideais capitalistas.

## Referências

BENINCÁ, Elli. *O senso comum pedagógico: práxis e resistência*. 2002b. Tese (doutorado) - Faculdade de Educação. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.

DELFINO, Daniel M. A classe operária vai ao paraíso. In: *Espaço Socialista: organização marxista revolucionária*. Acesso em setembro de 2012. Disponível em <http://espacosocialista.org/portal/?p=39>

HURTADO, Carlos N. *Educar para transformar, transformar para educar: comunicação e educação popular*. Petrópolis: Vozes, 1992.

MARX, Karl. *O capital*. São Paulo: EDIPRO, 2008.

MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. São Paulo: Martin Claret, 2002.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Ideologia Alemã*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_\_. *Crítica da educação e do ensino*. Lisboa: Moraes Editores, 1978.

PETRI, Elio. *A classe operária vai ao paraíso*. Direção: Elio Petri. Versátil Home Video, 1971. 1 DVD.